

Vadiação em Pelotas, a Capoeira Angola no espaço acadêmico da UFPel.

VITALINO DIAS NETO¹; PROF. DR. CLAUDIO BAPTISTA CARLE³

¹PPAnt – ICH – UFPEL – ESEF/UFPEL – slackvital@gmail.com

³PPAnt – ICH - UFPEL – cbcarle@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo se liga ao Projeto de Mapeamento arqueológico e cultural dos objetos, lugares, manifestações e pessoas de referência às sociedades tradicionais indígenas e afro-brasileiras na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, onde se estuda na sua amplitude as manifestações afro-brasileiras desenvolvidas no sul do país.

O texto apresenta um estudo no campo da antropologia da ação (OLIVEIRA, 2006, p. 225), tendo como foco a prática de Capoeira Angola que vem sendo desenvolvida na UFPel, desde 2010. O processo de aprendizado de Capoeira Angola na UFPel é chamado de Vadiação. A Vadiação que entendemos como Capoeira Angola, é um espaço de diversão, de vida, de ética, que muitos por escutar a palavra “vadio” não compreendem seu sentido. O termo nasce de uma exclusão e é assumido êmicamente pelos praticantes de capoeira.

A sua origem remonta ao início da República Brasileira, mais especificamente com o código penal Brasileiro. O Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890 que promulga o código Penal Brasileiro, onde o “Generalissimo” Manoel Deodoro da Fonseca, que era o “Chefe do Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brazil”, o primeiro golpe de estado republicano brasileiro realizado pelo então “Exército e Armada”, propunha “em nome da Nação”, com o apoio do então “Ministro dos Negócios da Justiça”, reforma o conhecido “regimento penal” (BRASIL, 2015).

O código penal, instituído em seu capítulo 13º (um número interessante, pois nele está representado o diabo – que na cosmovisão africana é sincréticamente amarrado ao Exú [VERGER, 2002], entidade do movimento uma das mais antigas do panteão africano), apresenta o item “Dos vadios e Capoeiras”. O artigo 399 aborda e dá condenação aos que não exercem ofício ou que buscam “prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes”.

A pena era de prisão de quinze a trinta dias, sendo o infrator “vadio, ou vagabundo”, obrigado a assinar termo que providenciará em até 15 dias um ofício aceito e reconhecido por lei. Em relação a maioridade este prevê que os menores que possuam mais de 14 anos devam ser “recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais, onde poderão ser conservados até à idade de 21 anos”. Se estrangeiro será deportado.

Neste mesmo capítulo 13 no seu artigo 402 torna crime quem for pego “nas ruas e praças públicas” realizando “exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem”. Associado a esta palavra está no mesmo artigo a ideia de “andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal”, hábito formal dos capoeiristas no uso da navalha ou “armas brancas”. A pena para tal fato é a prisão de dois a seis meses e torna agravante a pena “pertencer o capoeira a alguma banda ou malta”. Aos “chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro”. No caso de reincidência, “será aplicada ao capoeira, no grão máximo”, qual seja a sua prisão em ilhas marítimas ou nas

fronteiras nos presídios militares. Após as ações de Mestre Bimba, a partir de 1940, a capoeira foi retirada do código penal e considerada uma prática de defesa pessoal genuinamente brasileira sendo ensinada nas escolas de Educação Física e em academias em todo o país, com o tempo se dispersando pelo mundo todo (BARBOSA, 2007).

2. METODOLOGIA

Os cursos de Teatro e Dança da UFPEL preocupados com a formação mental e corpórea de seus estudantes buscou criar uma Formação Livre de Capoeira, que desde seu início incorporou o título de “Vadiação em Pelotas, a Capoeira Angola na UFPEL”, assim desde 2011, agregando também um Projeto de Ensino liga-se ao Projeto de Pesquisa de Mapeamento das Manifestações Afro-brasileiras (supra citado), que hoje tenta ampliar-se como projeto de extensão.

O trabalho se dá através da discussão, em quase todas as aulas, no início dos trabalhos, sobre o processo de formação da sociedade brasileira identificando os processos de exclusão étnico-racial e as formas de inserção, pela resistência, do afro-descendente no campo social brasileiro. As avaliações vão sendo efetivadas conforme o avanço das manifestações apresentadas pelos educandos no processo de inserção dos temas e na melhoria do entendimento sobre a exclusão social discriminatória no Brasil.

Aulas teóricas sobre a história da capoeira no Brasil e sua degradação em seus aspectos tradicionais e fundamentais são outra chave importante no processo. Cabe ressaltar que tudo é feito oralmente e gestualmente sem o uso de equipamentos que não sejam os equipamentos eletrônicos para reprodução das músicas e pelo uso dos próprios instrumentos musicais, a base é sempre a oralidade, como na prática popular da capoeira. Realiza-se a prática na utilização de instrumentos musicais formadores das rodas de capoeira (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco, xequere, e outros). Pratica-se sobre as canções na capoeira seus usos e fundamentos.

O Projeto “Vadiação em Pelotas” vivências teóricas e práticas de capoeira angola na UFPEL, (Código: 093-2011 - processo 23110.008553/2011-20) Percebe que a Capoeira Angola tem um histórico envolto pelo processo de inserção do africano no território brasileiro desde o século XVI.

O estudo que se desenvolve nesta pesquisa então tenta compreender o processo histórico da Capoeira Angola e sua manifestação cultural atual, compreendendo os fundamentos e aspectos de sua existência e permanência até a atualidade. Sabe-se que é envolta pelo processo de inserção do africano no território brasileiro, desde o século XVI. Através da Capoeira Angola, como aspecto percebe-se que ela pretende realizar a promoção da inserção deste viés sócio cultural no espaço universitário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta formação livre é ministrada sempre em quatro horas corridas por semana em algum espaço que lhe seja concedido, sendo este um dos principais problemas que enfrenta, pois muitas vezes era empurrada para áreas que eram impossíveis de ser trabalhada.

Um exemplo disso foi quando o Núcleo de Gestão de Espaços da UFPel a instalou numa sala térrea do prédio do Anglo, e ao início das atividades o professor de Línguas que executava uma prova oral, veio a sala reclamar que não poderiam tocar tambor e cantar, pois atrapalhava a concentração dos estudantes daquele Curso. Havia razão na fala do professor, mas novamente os capoeirista foram para rua, para baixo de uma figueira a beira do Canal do São Gonçalo. E neste momento um porteiro negro indicou “que era comum fazer isso com as coisas de sua cultura”.

Os educandos ao desenvolverem as diversas facetas gestuais-corporais da capoeira angola (desenvolvimento semanal de movimentos de defesa e ataque e comportamentos nas rodas de capoeira) e os estudantes sempre tem a oportunidade de aproximarem-se da gestualidade expressiva do afro-brasileiro, reconhecendo em seus próprios corpos os entraves criados por uma ocidentalidade racionalizada e contida gestualmente. Foram centenas de estudantes que desde 2011 se inscreveram e passaram pelo processo de ensino-aprendizagem da capoeira angola na UFPEL, destes apenas 23 fizeram a formação completa de 6 meses e destes oito seguiram realizando a mesma por diversos anos e estando sempre ligados ao coordenador do projeto.

4. CONCLUSÕES

O projeto pretende dar continuidade na promoção a inserção deste viés sócio-cultural no espaço universitário, considerando a participação efetiva do coordenador em dois universos similares de trabalho, um na formação Livre da Dança-Teatro e outro no Projeto de extensão Quilombo das Artes. Estando em um curso de Antropologia Social e Cultural e Arqueologia considera tal trabalho de uma importância para o conhecimento do aluno, bem como a interação com a sociedade envolvente, neste que é hoje um dos Patrimônios Imateriais Nacionais e Mundial.

Sendo assim, é efusivamente trabalhada toda a gestualidade, da dança-luta que é a capoeira com dinâmicas de rodas e com a participação em aulas especiais, cabe ressaltar aqui a “figura” do Mestre Ratinho sempre estando presente nestes momentos. O Mestre Ratinho (Anselmo Accurso) é professor da UNISINOS/São Leopoldo-RS e da Prefeitura de Porto Alegre, trabalhando em centros comunitários, mestre do grupo ao qual o coordenador do projeto está ligado (Cláudio Baptista Carle), como também, o presente autor. O título de mestre lhe foi concedido por 13 mestres da Capoeira Angola em cerimônia especialmente montada para tanto, após árduos 35 anos de trabalhos relacionados quase que especificamente a cultura afro-brasileira.

Conforme mestre Ratinho ***Eu vivo triste neste mundo*** (*Ladainha de Capoeira* de Mestre Ratinho – Anselmo Accurso), pois há muita exploração e “entra ano, sai ano” e as coisas são difíceis de mudar. Considerando este oito abnegados, sendo alguns negros, percebe-se o quanto difícil é mudar a percepção sobre as manifestações afro-brasileiras que fazem parte deste contexto de exclusão que este projeto pretende combater.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Wallace de Deus (coord. Técnica) **Dossiê: Inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil.** Brasilia, IPHAN, 2007. Acessado em jun. 2014. Online. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/viewFile/312/236>

BRASIL - **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890;** Acessado em abril 2015. Online. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>

CARLE, Cláudio B. **“Vadiação em Pelotas”** – Vivências práticas de Capoeira Angola na UFPel. Projeto de ensino código na PRG-UFPel – 102014, Pelotas: UFPel, 2011.

CARLE, Cláudio B. **Mapeamento arqueológico e cultural dos objetos, lugares, manifestações e pessoas de referência às sociedades tradicionais indígenas e afro-brasileiras na região sul do Estado do Rio Grande do Sul.** Projeto de pesquisa código PRPGP – UFPel – 70000013, Pelotas UFPel, (2011-2017), 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da Identidade:** Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

VERGER, Pierre Fatumbi **Orixás. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo** 6^a ed., Salvador: Corrupio, 2002.